

Marianne Fahmy

Remnants from a Distant Storm

22 de Novembro, 2024 — 31 de Janeiro, 2025
Lisboa

Na obra resultante do culminar da sua investigação – *O que é a filosofia?*¹ (1991) – a dupla de filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari procurou reivindicar uma nova filosofia que moldasse um futuro ainda inexistente, ao imaginar uma nova terra para uma população por despertar. De acordo com os autores, através do ato de criação, o artista induziria a obra com o “devir não-humano” da humanidade, concebendo um projeto de fabulação que permitisse esboçar uma nova realidade no mundo. De modo semelhante, embora sob uma ótica política muito diferente², o trabalho da artista egípcia Marianne Fahmy inspira-se neste quadro de “paraficção”³ como método para evocar uma visão de um destino inevitável, conexo à nostalgia de um passado por alcançar.

Entre facto e ficção, Fahmy concebe um conjunto de crenças ambíguas que emergem da interseção entre experiências verdadeiras e narrativas simuladas. *Remnants from a Distant Storm* (em português, *Reminiscências de uma Tempestade Distante*), a sua nova e primeira exposição na galeria Pedro Cera, explora os modelos através dos quais a memória e a antecipação de um possível futuro se podem fundir em simultâneo, unindo mito, profecia e realidade política para esboçar um presságio especulativo de uma cidade inaudita, nascida das histórias marginalizadas que aguardam detidamente por ser reveladas.

Parte de um conjunto de obras que revisitam as águas do Mediterrâneo, a curta-metragem *Laws of Ruins* (2024) depreende o submergir de Alexandria sob o aumento gradual do nível do mar – uma visão mítica de um futuro não distante da realidade, assombrado pela parcial submersão da cidade e pelas projeções de uma imersão iminente. As antigas cisternas de Alexandria, das quais restam apenas vinte das centenas anteriormente documentadas, simbolizam a resistência contra um passado que desvanece, à medida que ecos de inundações e vidas há muito esquecidas emergem do silêncio.

Convocando um futuro que não se adivinha tão remoto, por entre resíduos do passado, o vídeo desenvolve-se como um ritual de lembrança e profecia, agregando imagens contemporâneas e a voz de Fahmy com imagens de arquivo e fragmentos reorganizados dos diários da ativista estudantil Arwa Saleh (n.1951-m.1997). Ao proclamar tanto uma história coletiva quanto uma resiliência subjetiva, *Laws of Ruins* alinha-se poeticamente com os ideais revolucionários de Saleh e com a sua crítica ao declínio do movimento comunista egípcio, sugerindo que tudo aquilo que aspira à permanência (sejam cidades, ideologias ou movimentos) carrega em si as sementes da sua própria dissolução – para ser inevitavelmente destruído, esquecido, e reclamado pela corrente implacável do tempo.

1. “A criação de conceitos faz apelo por si mesma a uma forma futura, invoca uma nova terra e um povo que não existe ainda.” Deleuze, G., Guattari, F., *O que é a filosofia?* (1991). Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz, Editora 34, 2010: p.140.

2. Deleuze e Guattari acreditavam que o populismo e a democracia seriam a morte da criação. A tarefa devia, pelo contrário, ser entregue à aristocracia.

3. Definido pela historiadora de arte Carrie Lambert-Betty no artigo “Make Believe: Parafiction and Plausibility”, *October* 2009. N.º 129: pp. 51-84.

A aceitação silenciosa do destino de Alexandria, junto com a recuperação do seu passado, inspira a nova série de tapeçarias apresentada na galeria. Como encenações tecidas de memória, as tapeçarias traduzem a narrativa estratificada do filme para uma forma tátil, criando retratos tangíveis de estruturas antigas combinadas com narrativas de um futuro latente. Ao entrelaçar as histórias vividas e esquecidas que Fahmy procura preservar, cada tapeçaria conecta mito e realidade para acautelar materialmente uma herança aguardando inevitável extinção.

Num gesto paralelo, as novas gravuras de Fahmy encontram inspiração no antigo mapa Romano *Forma Urbis Romae*, esculpido no início do século III d.C. Outrora um grande plano em mármore da *urbis* romana, o mapa foi gradualmente destruído no decorrer da Idade Média, com as suas pedras reaproveitadas como materiais de construção. Embora alguns dos seus fragmentos tenham sido descobertos no século XVI, pouco interesse foi despertado. Aguardando total descoberta, o mapa desdobra-se através da sua própria natureza fragmentada, refletindo a narrativa de uma cidade em perpétuo devir – tal como as cisternas submersas de Alexandria carregam memórias incompletas, as novas gravuras de Fahmy evocam uma redescoberta da História e da antecipação do seu futuro, onde aquilo que é lembrado e aquilo que é esquecido pende no limiar de um equilíbrio incerto.

Por entre água e ruínas, *Remnants from a Distant Storm* funde simulação e realidade para criar uma visão especulativa de uma cidade profetizada por meio da submersão, do esquecimento e da resistência. As observações de Saleh sobre a fragmentação de aspirações revolucionárias, ressoam na atenção de Fahmy a vozes marginalizadas, muitas vezes descartadas, mas essenciais. Ao criar uma presença espectral de sonhos coletivos nunca concretizados, a exposição repousa sobre os fantasmas do passado que permanecem na imanência do seu próprio destino.

—

Marianne Fahmy (n. 1992) vive e trabalha em Alexandria, Egito. A sua prática abrange diversos meios, incluído cinema e instalação. Fahmy formou-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Alexandria, juntando-se em 2016 ao MASS Alexandria Independent Art Program. Desde então, o seu trabalho tem sido exposto em inúmeros locais, incluindo a Dak'Art Biennale, Dakar, Senegal (2018), 7º Yokohama Triennale, Yokohama, Japão (2020), Manifesta 13, Marselha, França (2020), Sharjah Biennial, EUA (2023), Bozar-Centre for Fine Arts, Bruxelas (2023), Art Basel Statement Section, Basileia, Suíça (2024), Art Explora Festival, Veneza, Itália (2024), e Cairo Fine Arts Museum, Cairo, Egito (2017), a título de exemplo. Os seus filmes foram exibidos no Festival de Cinema Kino der Kunst (2017), no Museu de Arte Contemporânea de Nuremberg (2017) e no Festival de Cinema de Sharjah (2021), entre outros. Em 2021, Fahmy recebeu o Prémio Seed do Prince Claus Fund, tendo obtido ao longo dos últimos anos várias bolsas para apoiar a sua prática artística.